

FOTOGRAFIA E TURISMO: MUDANÇA DE OLHAR DO TURISTA

PHOTOGRAPH AND TOURISM: TOURIST CHANGING VIEW

Aparecido Lopes Ferreira, Orientadora: Profa. Neli Demonico de Mello

RESUMO: Este artigo tem por finalidade mostrar o valor que o turista dá ao retrato de si mesmo ou de terceiros em locais por ele visitados. Busca introduzir conceitos básicos necessários negligenciados e que poderiam tornar as fotos de viagem muito mais interessantes. A principal meta é mudar o olhar do viajante, orientando-o a dar um ponto de vista pessoal sobre determinada cena já fotografada inúmeras vezes e de vários modos.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia. Turismo. Viagem.

ABSTRACT: This article is intended to show the value that the tourist gives to the portrait of himself or third parties in locations he visited, seeking to introduce basic concepts necessary for neglected and that could make the trip much more interesting photos. The main goal is to change the look of the traveler, prompting him to give a personal point of view about a particular scene photographed countless times and in various ways.

KEYWORDS: *Photograph. Tourism. Trip.*

INTRODUÇÃO

Com equipamentos cada vez mais práticos e de valor acessível para a população em geral, fotografar tornou-se algo simples, já que desde um simples celular com câmera até as máquinas mais modernas, o ato de guardar sua recordação de qualquer momento é quase uma obrigação. Nunca se tiraram tantas fotos, em tantos lugares e a todo o momento, o simples apertar de um botão eterniza por meio da fotografia. As máquinas atuais corrigem erros que porventura o usuário cometa, mas por que não ir além do simples ato de se pressionar o botão e com isso melhorar a qualidade técnica do ato de fotografar?

Segundo SONTAG (1986) a função primordial da fotografia é servir como prova de que uma viagem foi feita, é um acúmulo de

fotografias para suprir a necessidade causada pela ansiedade de estar fora da rotina do dia-a-dia. É a experiência de parar, fotografar e continuar. Tudo envolvido em um comportamento mecânico, que na verdade, a pessoa nem se dá conta de que realmente não está aproveitando aquele momento, independente da classe social envolvida.

Este artigo trata de como orientar os turistas que têm uma máquina fotográfica a buscar um novo olhar sobre um assunto que por muitas vezes foi exaustivamente fotografado. Sair do modo automático e aproveitar melhor o momento por ele vivido. Desenvolver seu conhecimento crítico sobre esta arte e tornar melhor sua fotografia, aprendendo os conceitos básicos necessários para melhorar a qualidade fotográfica.

A FOTOGRAFIA E A VIAGEM



É comprovado que hoje nossa sociedade viaja mais em busca de outras culturas e a fotografia é o prêmio dessa conquista. Mas porque tirar a mesma foto, no mesmo local que milhares já estiveram ao invés de procurar uma nova visão?

“Hoje estamos todos virando meio japoneses, que têm uma semana de férias e viajam com a câmera fotografando tudo. É como se tivessem a experiência da viagem somente depois, vendo as fotos.” (SEIXO apud GOMBATA, 2013).

Segundo SEIXO (apud GOMBATA, 2013), “o fato de a fotografia ser o maior *hobby* do mundo e estar cada vez mais facilitada pelo acesso à tecnologia a enfraquece como ferramenta.”

“A fotografia digital tem muitas vantagens – praticidade, tecnologia, criatividade e até economia – se comparada à fotografia convencional. Mais de 98% das câmeras vendidas atualmente são digitais, mas apenas a minoria dos fotógrafos consegue tirar o máximo de potência de seu equipamento.” (HARMAN, 2005, p. 2).

Acaba sendo um desperdício por parte dos viajantes ficarem no senso comum com equipamentos tão potentes e capazes de tornar uma simples foto uma obra de arte.

Segundo o *Guide to Photography: Photography Basics* da *National Geographic*:

“Profissionais às vezes dizem que “fazem” ao invés de tirar fotos – a distinção implica uma colisão criativa entre o equipamento e seu operador, ao contrário de uma simples confluência entre luz e espaço. Em qualquer nível de fotografia cuidadosamente considerada, quatro elementos são vitais: O assunto, a composição, a luz e a exposição.” (2012, p.3).

Estes quatro requisitos são primordiais e básicos para uma boa fotografia e deveria ser de conhecimento de qualquer um de posse de um equipamento fotográfico. É necessário o conhecimento do que é cada um para que se possa enfatizar mais algumas características que agregam valor a foto tirada por um turista.

O ASSUNTO

O assunto por muitas vezes tratando-se de viagem resume-se aos pontos turísticos do local que se está visitando, devido ao fato de ter-se que, na maioria das vezes, seguir o roteiro estabelecido e incluso no pacote feito pela companhia de viagens. Mas nem por isso nada impede que o assunto não deva ser fotografado de um modo diferente. “Sempre pense sobre o que você está tentando dizer com uma imagem” (*NATIONAL GEOGRAPHIC*, 2012, p.4), deste modo uma simples imagem diante de um monumento ganhará outro significado.

“Toda fotografia tem um ponto de interesse e este ponto deve ser claro para quem o vê. Já que vemos a fotografia do mesmo modo que é feita uma leitura. – da esquerda para a direita na cultura ocidental... Aquele que vê a imagem deve ser guiado para o ponto de interesse, mas o ponto nem sempre deve estar no centro do quadro [...]” (*NATIONAL GEOGRAPHIC*, 2012, p.4).

Como tornar um assunto que foitantas vezes fotografado único e capaz de despertar o interesse de quem vê sua fotografia?

“[...] Toda viagem é, ou deve ser, uma história com começo, meio e fim. Além disso, cada viagem é

única. Seu itinerário pode ter sido seguido 100 vezes antes, mas suas experiências da rota serão novas, assim como deverão ser suas fotos. Ela deve evocar sua viagem particular, capturando seus companheiros de jornada, o povo local com o qual interagiu e os eventos e as atividades dos quais participou. [...]” (STUCKEY, 2010, p. 40).

Para elucidar esta afirmação, tome-se como exemplo, uma viagem para o Peru, que fazia parte do roteiro uma visita à uma comunidade indígena Inca no Vale Sagrado. Lá aconteceu a experiência de alimentar uma lhama e acompanhar a técnica de tingimento feita por uma nativa local. Isso permitiu a interação com aquela pequena comunidade que tenta manter viva sua tradição, como se vê nas figuras 1 e 2.



(Fig. 1) Alimentando uma lhama no Vale Sagrado dos Incas. Foto do autor.



(Fig. 2) Acompanhando a técnica de tingimento na cultura indígena Inca. Foto do autor.

COMPOSIÇÃO

Definido qual será o assunto é hora de partir para a composição da cena escolhida e torná-lo atraente e condizente com a história que quer passar. Estes dois itens estão intimamente ligados, deve-se dizer que ao fazer parte de uma história este intervalo de tempo que ficará imortalizado numa foto, nada mais é do que um momento decisivo, descrito por Cartier Bresson. “[...] Não há nada neste mundo que não possua um momento decisivo [...], o reconhecimento simultâneo... da importância de um acontecimento, assim como a organização precisa das formas que dão a ele sua expressão adequada. [...]” (BRESSION apud HACKING, 2012, p. 367).

A composição muitas vezes é apresentada através de regras e conceitos, que são de grande valia em situações complicadas para se retratar algo e geralmente garantem um bom resultado final. Na sua maior parte estes conceitos são como uma receita médica, prescrevendo as regras a serem seguidas. Com relação a estas regras podemos dizer que:

[...] Seria melhor considerar qualquer regra como uma simples compilação de idéias sobre a estrutura da imagem, consideradas úteis por muitas gerações de artistas, ao longo de experiências, tentativas e erros, na composição de imagens agradáveis [...]. (ANG, 2007, p.12)

Mas o contrário também é válido dependendo do ponto de vista, daquilo que quer comunicar com a imagem. Quebrar paradigmas também faz parte da arte e pode trazer resultados interessantes. Segundo ANG (2007) a melhor composição é aquela que conversa eficientemente com o observador, uma imagem onde se leve em consideração os elementos, não somente com relação ao enquadramento, mas outras informações que possam tirar o foco do elemento principal. A principal preocupação é deixar de fora detalhes secundários que não afetem a cena em geral.

[...] os princípios de composição em fotografia... podem ser chamados de “regras”, mas na verdade são apenas recomendações... criam uma fundação sólida para se basear quando houver dúvida, mas quando começamos a deixar que essas recomendações dominem todas as decisões, nossas imagens podem se tornar previsíveis. [...]” (BLAIR, 2011, p108).

De forma resumida, são estes os estilos de composição mais comumente utilizados:

Simetria: Mantém o objeto principal bem no meio da foto, colocando o “peso” das informações de forma equilibrada tanto à esquerda, quanto à direita da imagem.

Diagonal: Procura por linhas diagonais que levem o olhar ao objeto de interesse.



Emolduramento: Por exemplo, usa uma porta como moldura e através dela enquadra algo interessante e fotografa.

Regra dos terços: A mais famosa e a mais utilizada, muitas vezes até de forma inconsciente pela maioria. Imagina-se uma grade com duas linhas horizontais e duas verticais dividindo sua fotografia em partes iguais. Os pontos onde estas linhas se encontram são considerados os pontos de ouro.

Ritmo: Padrões que se repetem ajudam a criar boas fotografias, sejam formas geométricas ou padrões de cores.

A LUZ

A palavra fotografia vem do grego e significa “escrita com a luz”. Já se falou neste artigo sobre ter um objeto de interesse e criação de uma cena por meio da composição. Faltava, então, falar sobre algo que é imprescindível para realizar tudo isso e que faz parte da palavra fotografia literalmente, a luz. A luz tem como principal fonte emissora o sol, o que permite a grande maioria enxergar este mundo em que vivemos, com sua natureza, suas diversas culturas e pessoas. Com o passar dos anos o homem evoluiu e criou a luz artificial irradiada, não se dando conta da importância da luz natural na vida cotidiana, a não ser que se fique sem uma fonte de energia. HUNTER (2011, p. 29) define que “luz é a matéria-prima da fotografia. Fotografia é a manipulação da luz. Se essa manipulação serve para fins artísticos

ou técnicos pouco importa; os dois muitas vezes são sinônimos”.

O estudo teórico da luz pertence a área da Física, e o fotógrafo deve estar atento e entender como a luz se comporta com relação à fotografia. Uma boa fonte de iluminação é um quesito básico para garantir uma boa imagem, e mesmo assim pode-se querer que a foto fique mais clara ou mais escura dependendo do que se pretende com relação a imagem e o efeito pretendido. “[...] Como fotógrafos, estamos fundamentalmente preocupados com o brilho, a cor e o contraste da luz [...]” (HUNTER, 2011, p.33).

De acordo com HUNTER (2011) o brilho é a qualidade mais importante da luz, já que uma luz clara é melhor. Sem muita luz não se consegue fotografar o que se deseja. Isto também envolve configurar corretamente seu equipamento. Estar atento à luz que ilumina o objeto para garantir que a máquina capte corretamente as cores da imagem visualizada. Por fim o contraste que determina a presença forte de sombras e partes escuras, criando os volumes.

EXPOSIÇÃO

Antes que se pense em sair por aí divulgando o material, o termo exposição em questão trata simplesmente da quantidade de tempo que se deixa entrar luz no sensor do equipamento fotográfico. Existem três possibilidades de imagem final quando se trata do quesito tempo de exposição. O equipamento estando devidamente



configurado de acordo com a cena gera imagens corretas; a imagem pode estar subexposta, quando houve pouca luminosidade ou pode estar superexposta, com excesso de luz. Esta regulação envolve três elementos de uma máquina fotográfica: O obturador, o diafragma e a sensibilidade.

Como definição pode-se resumidamente dizer que:

O obturador é uma cortina, que abre e fecha de acordo com a velocidade pré-estabelecida pelo fotógrafo, esta velocidade serve para controlar o tempo em que a luz ficará em contato com o material sensível.

O diafragma tem como finalidade controlar quantidade de luz.

A sensibilidade, ou seja, como a luz é convertida em imagem é definida pelo *ISO*. Quanto menor for a quantidade de luz, o valor do *ISO* será maior para captar a imagem. Se houver maior quantidade de luz, o valor do *ISO* será menor.

Estes três itens possuem relação entre si, se por acaso um deles é alterado pelo fotógrafo, será necessário reconfigurar outro para garantir a qualidade da fotografia.

[...] É importante controlar a exposição com cuidado e precisão para garantir o melhor resultado com seu equipamento e, também, para evitar perda de tempo e esforço [...] (ANG, 2007, p. 44).

A MUDANÇA DO OLHAR FOTOGRÁFICO

Tudo o que foi dito até agora nada mais é do que o mínimo necessário em conhecimento na parte técnica, porém este

artigo não busca ser um curso rápido que irá sanar todos os problemas. Guardar toda a informação anterior será o alicerce para melhorar as fotografias. São conceitos básicos e isto não exclui a busca por cursos, livros e até revistas que darão dicas valiosas sobre como fotografar em cada situação.

Além de conhecer técnicas e dominar seu equipamento, muitas vezes o turista com suas máquinas compactas não compreende o poder por trás delas, por isso deve-se começar lendo o manual da máquina. Entender todas as funções disponíveis, saber onde, como e quando configurar para garantir uma foto de sucesso. Dominar os conceitos básicos, além do equipamento e de regras, não é suficiente. Há outro fator que pesa ao fotografar: o olhar.

“[...] não importa quão sofisticada a tecnologia se torne, uma grande fotografia sempre começa e termina com o olho habilidoso do fotógrafo, que se concentra nas questões básicas relativas ao interesse do tema, à composição cuidadosa, à percepção da luz e a uma boa exposição.” (BLAIR, 2011, p. 380).

Tendo isto em mente, dá-se andamento a idéia principal deste artigo que primariamente busca modificar a relação entre o turista e o local de sua visita.

“Viajar para uma parte diferente do seu Estado ou para um país distante – sempre nos abre os olhos. Tudo parece chamar atenção e percebemos coisas a que não daríamos importância normalmente: a maneira como as pessoas se



vestem, o trabalho que fazem, a aparência do lugar. Viajar aumenta a consciência e afia o olhar. Com um planejamento cuidadoso, suas fotos de viagem irão comunicar o sentimento criado pelas maravilhas das coisas que não são familiares. Vale a pena fazer a lição de casa antes de viajar – não apenas escolher hotéis e fazer itinerário, mas também estar preparado para tirar as melhores fotos possíveis. Antes de partir, leia tudo o que puder sobre seu destino e pense com cuidado sobre que tipo de fotografia quer tirar. Decida o quanto você quer que a fotografia seja o foco da sua viagem, porque isso poderá influenciar suas escolhas sobre aonde ir, o que fazer até mesmo quando acordar em certos lugares” (BLAIR, 2011, p.335).

Como experiência relatada neste artigo, antes de viajar para o Peru e conhecer cidades como Lima, *Cuzco*, *Águas Calientes*, o Vale Sagrado dos Incas e por fim *Machu Picchu*, a primeira coisa que se fez foi adquirir um “Guia Visual – Folha de São Paulo” sobre o país. Com isso pode-se ficar inteirado dos costumes, tradições, idioma, pontos turísticos, transporte público, enfim tudo que é necessário para garantir as informações sobre como e aonde ir, além de conhecer previamente a cultura local, podendo assim estabelecer uma relação com os habitantes e suas formas de representação dessa cultura (Fig. 3) “[...] as melhores fotografias de outra cultura se fundamentam nas relações que você estabelece com as pessoas de lá. Mostre respeito e consideração. [...]” (BLAIR, 2011, p. 338).



(Fig.3) O sincretismo religioso, mistura de símbolos cristãos e indígenas da cultura inca.

BLAIR (2011) cita alguns conselhos que devem ser seguidos pelos fotógrafos-turistas:



“Pesquise a sua viagem antes e descubra como será recebido. Sempre peça permissão para fotografar. Vá cedo e fique até tarde para aproveitar as horas calmas se o seu destino for muito visitado por turistas. Aprenda algumas palavras da língua local e demonstre interesse genuíno pelas pessoas que conhecer. O envolvimento cria vínculos. Contrate um guia para levá-lo aonde os turistas não costumam ir. Escolha pessoas da etnia local – elas conhecem a língua e os costumes.” (2011, p. 338).

Geralmente quando se viaja existe um motivo por trás. Seja realização pessoal, adquirir cultura, negócios ou para mostrar *status* em nossa sociedade. Trata-se de uma busca. “[...] Talvez o ângulo mais atraente de uma história de viagem seja a busca. Cada viagem é uma espécie de busca. Mesmo que você procure descanso ou relaxamento... o foco na busca traz um impulso narrativo real [...]” (STUCKEY, 2011, p. 43).

Após STUCKEY (2011) definir a viagem como uma busca, ele instrui a encontrar a própria ideia ou busca, a partir de pesquisas sobre o local a ser visitado e por qual razão optou-se por ele. O questionamento é imprescindível e para resolvê-lo é preciso o planejamento. Ao se levantar as respostas, acrescenta-se um elemento narrativo que é a melhor maneira de tornar as imagens da viagem atraente.

O grande problema hoje em se fotografar numa viagem se deve a alguns fatores. Pode-se dizer que devido à facilidade de compra de pacotes turísticos aumentou o número de turistas em determinados locais, e

estes locais já foram fotografados até a exaustão. O foco principal na busca de novas imagens é quebrar este conceito, é mostrar que mesmo a Torre *Eiffel* em Paris na França pode ser abordada sob outra perspectiva.

Parece até improvável, mas tem se percebido que a maior parte dos turistas busca sair do comum quando visita um local, o que falta às vezes é fugir do destino mais conhecido, já que é a opção mais viável economicamente na relação custo-benefício. O planejamento é a palavra chave, é de fundamental importância, com ele pode-se ser capaz de partir em busca de algo que será autêntico.

“Os viajantes de hoje estão preocupados com o autêntico. Gostamos de lugares que ainda têm suas identidades distintas – cultura, herança, ambiente. – e intactas.” (STUCKEY, 2011, p. 48).

KRIST (apud STUCKEY, 2011) diz que quando se viaja, procura-se aquilo que não se está acostumado a ver no cotidiano e esta procura é a força motriz por trás da fotografia de viagem. Realmente ao se viajar não se está atrás daquilo que faz parte da rotina da terra natal.

O segredo é estar-se atento para tudo o que poderá ser autêntico, o conhecimento local é a chave para garantir que não se perca uma cena que poderá fazer parte e torná-la autêntica ao invés de ser somente mais imagem como a grande maioria.

Ao se buscar esta autenticidade o turista dará seu toque pessoal a uma imagem e com isso terá a garantia que uma parte de si está incluída numa fração de segundo de um momento e poderá garantir que uma parte da



história poderá ser lembrada em algum momento.

Essa mudança de olhar sobre a fotografia nada mais é que uma garantia de que é possível fazer grandes fotos.

A fotografia é o tesouro mais valioso na bagagem após partir e retornar. Deve-se ter isso sempre em mente na fotografia de turismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo não tem como finalidade tornar o turista um fotógrafo profissional, sua função é transmitir ao seu leitor a preocupação no trato de algo tão importante como a fotografia de turismo. Pode-se estar viajando sozinho ou em grupo, o momento que ficou registrado será uma história particular. Talvez aquele local se transforme, as pessoas que conheceu nunca mais sejam vistas e a única memória que exista estará registrada na foto. O olhar deu a aquele momento uma concepção única, uma beleza ímpar.

Para explicar tudo o que envolve uma simples foto seria necessário um livro. Para isso já existem vários disponíveis para quem quiser se aprofundar numa arte tão apaixonante e que vem crescendo a cada ano. O conhecimento mínimo é o caminho trilhado para tornar isto possível e que se pode ser capaz de produzir grandes imagens mesmo sem ser um profissional da área. Basta não negligenciar os sentidos, aquilo que se vê e fazer uso correto de algumas técnicas. O olhar sempre é atento e com um pouco mais de cuidado pode-se registrar realmente aquilo para onde se aponta a máquina fotográfica, do modo como se imaginou que seria.



BIBLIOGRAFIA

ANG, Tom. **Fotografia digital**: uma Introdução. 3. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

BLAIR, James P. et al. **Novo Guia de Fotografia National Geographic**. São Paulo: editora Abril, 2011.

GOMBATA, Marsílea. Clicar, em vez de viver, tornou-se norma. **Carta Capital**, Seção Cultura, 01 de abr. 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/cultura/clicar-em-vez-de-viver-tornou-se-norma/>>. Acesso em: 07 abr. 2013.

HACKING, Juliet. **Tudo sobre fotografia**. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

HARMAN, Doug. **O Manual da Fotografia Digital**. São Paulo: Ed. Escala, 2013.

HUNTER, Filet. et al. **Luz – Ciência & Magia**: guia de iluminação fotográfica. Balneário Camboriú: Editora Photos, 2011.

NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY. **Guide to photography**: photography basics. Disponível em <<http://www.nationalgeographic.com/ebooklets/nationalgeographic-guidetophotography.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

RAMALHO, José Antonio A. **Escola de fotografia**. 4. Ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

SONTAG, Susan. **Ensaios sobre fotografia**: 1 - Na caverna de Platão. Disponível em: <http://documenta_pdf.jmir.dyndns.org/Sontag-1_Caverna_Platao.pdf>. Acesso em: 05 maio 2013.

STUCKEY, Scott S. **Guia completo de fotografia de viagem**. São Paulo: Ed. Abril, 2010.

LISTAGEM DE IMAGENS

Figura 1: Acervo do autor.

Figura 2: Acervo do autor.

Figura 3: Acervo do autor.